

39º Encontro Anual da Anpocs

SPG08 – Fronteiras: territórios, políticas e interculturalidade

***O mundo não é tão grande: Uma etnografia entre viajantes “independentes”
de longa duração***

**Igor Monteiro Silva
(Universidade Federal do Ceará - UFC)**

**O mundo não é tão grande:
uma etnografia entre viajantes “independentes” de longa duração**

Igor Monteiro
(Universidade Federal do Ceará - UFC)

*Yeah, darlin'
Gonna make it happen
Take the world in a love embrace
Fire all of your guns at once
And explode into space*

*Like a true nature's child
We were born
Born to be wild
We can climb so high
I never wanna die
Born to be wild
Born to be wild
(Steppenwolf – **Born to be wild**)*

Embora a distância entre Portugal e Marrocos não fosse, de maneira alguma, demasiadamente longa – já havia, por exemplo, experimentado horas quase “intermináveis” percorrendo estradas sinuosas na costa do Chile, em ônibus onde não se podia reclinar a poltrona e tampouco existia banheiro, o que fazia com que o trajeto feito naquele confortável avião mais parecesse uma oferta do paraíso –, a viagem não se fez de forma tranquila. Eu sentia-me inquieto, por isso o relógio, aparentemente, não funcionava. Era quase como uma espécie de “trato”, de “acordo”, entre eu e ele; seus ponteiros não giravam e, conseqüentemente, eu não conseguia relaxar: ora me percebia bastante eufórico, ora um tanto temeroso em relação ao que iria encontrar naquele país que durante muito tempo apresentou-se como uma das minhas prioridades de destino, mas que só agora podia visitar.

Como bem disse o escritor P. Theroux (2012), “perito” em viagens, “todos os lugares, sejam onde forem, sejam quais forem, merecem ser visitados”. Mas, pelo menos para mim, o Marrocos merecia mais! Será que eu estava demasiadamente enredado naquilo que E. Said (2007) chamou de “orientalismo”? Essa foi uma pergunta que ecoou em minha cabeça por muito tempo! De todo modo, o “apreço” que sentia pelo Marrocos causou-me uma enorme dificuldade no que se refere a escolher minhas paragens no país. De início, pensei que o Norte seria uma boa opção: vindos do sul da Espanha, muitos viajantes começam a explorar o território marroquino pelas cidades de Tânger ou Fez, depois de atravessarem o Estreito de Gibraltar por meio dos famosos *ferryboats*. Contudo,

abandonei a idéia ao dar-me conta de que já havia tido uma interessante experiência de pesquisa na região da Andaluzia e que, por isso, deveria talvez esforçar-me por explorar novas “rotas”.

Depois, pensei que Rabat e Casablanca seriam férteis campos de informação para minha investigação devido a suas funções de extrema importância no que diz respeito às dimensões econômica e política do país. No entanto, após ler uma série de relatos de viagem, percebi que aqueles não eram destinos privilegiados pela maioria dos viajantes que procuravam visitar o Marrocos, a não ser quando tais cidades eram necessariamente a sua “porta de entrada”, ou seja, quando os voos dos sujeitos em trânsito para lá se dirigiam. Mas, mesmo assim, encontrei, por mais de uma vez, “conselhos” no sentido de que se deveria deixar o carácter “moderno”, “industrial” ou “formal” de Casablanca e Rabat, tomando um trem ou ônibus em direção ao Sul, assim que possível. E foi desse modo que procedi: na realidade, não fui ao Sul, optei por estabelecer-me, primeiramente, no centro-sudoeste marroquino. Nomeadamente, resolvi desembarcar em Marrakech.

Vista do alto, sem dúvida, a cidade de Marrakech se destaca por sua cor vermelha. Apesar de suas imensas palmeiras e de seus inúmeros jardins, os tons avermelhados e pastéis são os que, de fato, a contornam. Todavia, ao se cruzar qualquer uma das entradas da Medina, o cenário muda: são as diversas cores que emanam das carnes, dos legumes, dos tecidos, das especiarias, o que agora conferia tonalidade à cidade. A multiplicidade de cores, sobretudo na praça Jemaa el-Fna, ganha reforço com a enorme variedade de cheiros e sonoridades e, porque não, com o grande leque de experiências tácteis oferecidas: são flautas e tambores, gritos de comerciantes, orações coletivas, chamados das Mesquitas, cobras e macacos, em meio a um tráfego caótico de carros e cavalos, o que ali tem lugar. Justamente por tais características, Marrakech configura-se como um dos principais destinos turísticos do Marrocos e por essa razão é que decidi tomá-la como primeiro e principal ponto de paragem. *Tours* para o deserto, *tours* para o litoral, montar em camelos, visitar cachoeiras, acampar sob tendas berberes etc., tudo era oferecido a partir dali.

Acontece que a experiência multissensorial que a cidade oferece, pelo menos no cerne da Medina, não é apenas da ordem dos estímulos. Ou melhor, é da ordem dos estímulos sim, mas, por vezes, estes são tão intensos que dão corpo a sensações de desorientação. O que torna-se ainda mais problemático ao se reconhecer o fato de que Marrakech, ou o Marrocos em geral, não é fácil – em termos de locomoção – mesmo para os viajantes mais acostumados a ler mapas: os *riads* – antigas casas que foram transformadas em pousadas ou albergues –, normalmente, se localizam em *derbs* (becos)

ou pequenas ruas ainda não cartografadas. Colhendo informações aqui e ali, entrando em ruas sem saída, andando em círculos e, às vezes, até pagando por ajuda, é que as pessoas tentam encontrar seus lugares de hospedagem. Pois foi assim, logicamente, que também fiz. Barreiras linguísticas, informações desencontradas, noite caindo... A cidade mais parecia um enigma por decifrar, cuja maior prenda seria a certeza de ter uma cama para dormir.

Depois de algumas horas, e com menos alguns *dirhans* (moeda local) no bolso, finalmente encontrei meu *hostel*. Ficava, agora já não era de se espantar, em uma rua sem saída, sendo atingido apenas a partir de certa disposição para viver algo quase da ordem do labiríntico. O prédio era grande, possuía quatro andares e um grande terraço que se escondiam por trás de uma porta vermelha, minúscula, onde tive de me abaixar para não bater com a cabeça. O sujeito que me recebeu, simpaticamente, apontou para um sofá com estofamento roxo, repleto de almofadas coloridas, dizendo: “Descanse um pouco, daqui a pouco faremos seu *check-in*”. Penso que devia agir assim com todos, já resignado com o fato de ter que admitir que achar aquele lugar não era tarefa nada fácil! Reparei, então, que não era o único a esperar, outros sofás no mesmo ambiente também estavam ocupados: mochilas, bonés, óculos, mapas e casacos se espalhavam por toda a recepção. Depois de alguns minutos, dois bules com chá de menta e uma *shisha* chegaram para serem partilhados enquanto se esperava o registro na recepção.

Naquele primeiro encontro com outros viajantes, as perguntas de praxe, feitas mutuamente, vieram à tona: “Qual seu nome?”; “De onde você é?”; “De onde vem?” etc. Rick, Tommy, José... Austrália, Nova Zelândia, EUA... Espanha, Portugal, França... Surgiam como respostas. Mas eu procurava um pouco mais, queria ouvir não apenas sobre de onde eram, seus nomes ou de onde vinham; queria saber o porquê de seus nomes, o que faziam antes de viajar e, sobretudo, por quais motivos viajavam... Não parava de pensar que – a despeito de estarmos todos ali, carregando mochilas, no mesmo *riad*, na mesma cidade – tínhamos histórias, percursos e motivações diferentes. Marrakech, assim, dava-se como *campo* e, igualmente, como *metáfora*: se por trás da “vermelhidão”, proporcionada pela vista do alto, erigia-se uma cidade multicolorida; talvez sob a aparente “uniformidade”, derivada do primeiro contacto com outros viajantes, emergisse também algo plural, múltiplo, diferente. Era isso, então, o que eu buscava compreender.

1 Introdução: Situando interesses de pesquisa

A narrativa acima exposta é a reprodução de um trecho que compôs o diário de campo elaborado ao longo de minha pesquisa de doutorado. Sua presença nesta comunicação se justifica por seu caráter de sintetização, a meu ver, daquilo que procurava compreender durante o citado processo de investigação: o conjunto de “movimentos materiais” e de “políticas de significado” empreendidos por sujeitos que se dispunham a experienciar viagens “independentes” de longa duração. Por “movimento material” entende-se os *deslocamentos físicos* dos viajantes, a maneira “crua”, como define Creswell (2006), de atingir um ponto partindo de outro. Já no que concerne às “políticas de significado”, tem-se como horizonte de reflexão tanto as *representações* partilhadas pelos sujeitos no que se refere às suas jornadas quanto a *prática* das mesmas, a experiência do movimento sendo incorporada e valorada individualmente.

O que se apresenta aqui, portanto, é uma espécie de “extrato” de uma pesquisa cuja construção teve como matéria empírica privilegiada as *situações concretas de interação*, as *configurações de relações de troca, de tensão, de conflito*, e, igualmente, os *momentos de invenção, de criação e de elaboração de discursos* presentes em uma – alegada – maneira singular de viajar. Para tentar compreender como os sujeitos viajantes realizavam e dotavam de sentido seus deslocamentos tive de, como nos diz Foote Whyte (2005), “gastar tempo” com eles. Essa expressão significa muito mais que “sentar” e “ouvir”, ela implica – necessariamente – um “encaixe” nas atividades desses sujeitos: era preciso “sentar” e “ouvir”, sim, mas principalmente “andar” e “escutar”. Da dupla deambulação, das pernas e da mente, articulada a uma escuta atenta, é que se podia “afinar” a voz e fazer perguntas ganharem corpo. Desnecessário dizer que, em viagem, a disponibilidade para uma entrevista “formal”, onde os sujeitos suspendessem suas atividades para se dedicar a tal expediente, era bastante escassa. Assim, as “esquinas” de Foote Whyte diluíram-se em trilhas, ruas e estradas partilhadas, palcos de um sem-número de conversas informais que não podem deixar de ser consideradas importantes fontes de informação¹.

¹ A esquina, na obra de Foote Whyte (2005), apresenta-se como um *locus* privilegiado de observação e interação. Assim, é nela que o pesquisador estabelece suas bases de interação com alguns dos principais sujeitos pertencentes à comunidade estudada, sendo tais interações – é válido destacar – muitas vezes desenvolvidas sob a lógica da informalidade. Esse caráter informal de interação e, conseqüentemente, de produção de informação, portanto, não deve ser desvalorizado frente às estratégias formais de pesquisa, como as entrevistas em profundidade ou grupos focais, por exemplo. Por vezes, é no próprio fluxo da pesquisa que perguntas surgem, que explicações significativas emergem, frutos de momentos de interação que não se relacionam, unicamente, com demandas formais. É preciso deixar claro que aqui não há intenção de adotar qualquer perspectiva maniqueísta acerca da relação informalidade/formalidade nos processos de pesquisa, o que há, de minha parte, é um esforço por priorizar as singularidades do “objecto de estudo” para além de proposições metodológicas desencarnadas, da ordem do receituário. É, justamente, nessa perspectiva que a “esquina” apresenta-se, para mim, como uma boa imagem para pensar acerca das interpelações metodológicas suscitadas pelas práticas de viagem.

Muitas dessas trilhas, ruas e estradas partilhadas, como se pode imaginar, cruzavam fronteiras, trespassavam limites nacionais e internacionais. Os sujeitos em trânsito inseriam-se em uma dinâmica de circulação, para me servir de uma expressão de G. Marcus (1995), cuja base são “noções difusas” de tempo e espaço, o que fazia ser incontornável o projeto de uma “etnografia móvel”². Desse modo, as experiências de viagem aqui representadas pertencem a sujeitos com os quais estabeleci contatos mais duradouros na medida em que materializava a “ação de os seguir”, pelo menos, por determinados trechos de seus itinerários. Seguindo-os, fundamentalmente, era como conseguia lidar com o enorme desafio de buscar manter uma relação estreita e interactiva no bojo de uma experiência, por excelência, da ordem da efemeridade. Se com eles, em resumo, não “caísse na estrada”, não haveria condições de estabelecer uma relação de confiança e empatia e tampouco teria oportunidade de me deparar com a prática de viagem em si, com suas maneiras de execução e dotação de sentido, enfim, com sua devida *artesanía*.

Finalizadas essas pequenas notas metodológicas, o foco agora recai sobre a experiência de meus interlocutores: três sujeitos, dois homens e uma mulher, que conheci em distintos pontos de suas trajetórias e com os quais mantive contato alargado, inclusive após terminarem suas jornadas. No intuito de compreender suas práticas de viagem, *seis dimensões* foram exploradas ao longo de minha tese: *contexto de origem; razões e motivações para se iniciar uma viagem; direções (rotas e percursos) da viagem; tempo e de ritmo (duração e meios utilizados para os deslocamentos); factores de fricção das viagens (experiência amorosa, doença familiar, proposta de emprego etc.) e; discursos, formas de autodenominação e elaboração de sistemas de classificação por parte dos sujeitos em relação à sua própria prática de viagem*. No entanto, na comunicação em questão trabalharei, de modo mais detido, apenas a primeira de tais dimensões (*contexto de origem dos viajantes*). A ideia, assim, é tentar perceber um sujeito viajante que tem sua

² Ao se reconhecer a existência de um mundo em estreita conexão, avizinado, multiplamente informado, questões que problematizam o *tropos* clássico da etnografia – baseado em processos de investigação intensiva e prolongada em um território bem delimitado – ganham cada vez mais força. Reflexões sobre um projeto de “pesquisa etnográfica móvel ou multi-situada”, assim, aparecem como possibilidades de resposta a essas transformações empíricas experimentadas no mundo contemporâneo, onde as “produções culturais” não se localizam em um único lugar. A etnografia móvel, desse modo, projecta-se no intuito de examinar a “circulação de significados culturais, objectos e identidades em um tempo-espaço difuso” (MARCUS, 1995, p.96), ou seja, processos que não somente atravessam múltiplos lugares, mas que também geram associações e conexões entre os mesmos. A prática de viagem é ultrapassagem de fronteiras por excelência, os sujeitos em trânsito compõem um “diálogo” plurilocalizado que conecta e associa ou – ainda nas palavras de Marcus (1995) – “justapõe” diversas localidades, residindo aí a incontornabilidade de um projeto de etnografia multi-situada. Ainda sobre a necessária problematização das “imagens mentais” clássicas acerca do trabalho de campo, ver Clifford (1999) e, de forma mais especial, ver a discussão do citado pensador no que se refere às práticas de definição de um trabalho de campo considerado como “real”, apenas, a partir de parâmetros derivados de uma experiência de campo “exótica”.

biografia situada em um conjunto de relações que podem, talvez, influenciar suas razões para viajar ou mesmo repercutir no modo como se efetua seu deslocamento.

2 Sobre biografias em trânsito: apresentando interlocutores

Conheci Marc, um carioca com então 23 anos, no ano de 2011. Nós estávamos hospedados no mesmo albergue, situado no bairro de Copacabana, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Nosso primeiro contato se deu na sala de estar do referido lugar, ambos assistíamos a um famoso programa esportivo e começamos a comentar as *performances* ali destacadas. Do esporte, passamos a outros tantos assuntos e foi aí que percebi que falava com um sujeito que, apesar de seus 23 anos, parecia ter uma larga experiência em viagens de longa duração. Tendo iniciado meu curso de doutorado em Março daquele ano, não tardei a explicar-lhe minhas pretensões de pesquisa, embora naquela altura elas não estivessem, obviamente, totalmente claras ou bem organizadas. Ainda assim, ele logo se mostrou interessado em colaborar de alguma maneira, era um sujeito falador, que apreciava narrar suas experiências pelo mundo afora e demonstrava, inclusive, certa preocupação em evidenciar a importância que as viagens possuíam em sua vida:

Eu nasci em Campos, no interior aqui do Rio. Meu pai era produtor de TV e sempre viajava muito. Quando dava, eu e meus irmãos íamos com ele, nos divertíamos muito juntos. Depois cresci e continuei a viajar, fiz intercâmbio no colégio... Foi muito bom, acho que peguei essa coisa de viagem dele, já minha mãe era mais caseira, acho que por isso não deu certo e eles se separaram... Depois do intercâmbio, quis viajar mais, juntava todo dinheiro que tinha sempre pensando em viajar.

O intercâmbio ao qual Marc se reporta foi feito nos Estados Unidos, quando ainda tinha 16 anos. Segundo ele, o pai foi quem o motivou a viver fora do país, esforçando-se para sublinhar a importância de se dominar um segundo idioma. Quando retornou ao Brasil, após um ano de programa, o carioca prestou vestibular para o curso de publicidade, mas não conseguiu vaga em uma universidade pública, fazendo, então, a opção por se matricular em uma faculdade privada. O pai, novamente, o apoiou, não exigindo que ele frequentasse “cursinho” por mais um ano para fazer, outra vez, as provas de vestibular. Sobre a questão, Marc contou-me:

Morar fora me fez muito bem. Não tenho dúvida. Mas, como passei parte do meu pré-vestibular em outro país, acho que me prejudiquei um pouco, não me preparei bem. Mas, por outro lado, eu voltei

falando um ótimo inglês, acho que deu uma equilibrada. Se eu fosse pesar, se pudesse escolher entre a universidade pública e o inglês, acho que continuaria com o inglês... Hoje, falando bem inglês, é muito mais fácil viajar!

No entanto, se o pai de Marc o apoiou nas duas situações anteriores, o mesmo não aconteceu quando o carioca aos 20 anos, “já quase no meio do curso”, de acordo com suas palavras, resolveu trancar a faculdade para viajar mais uma vez. “Cair na estrada” não havia sido um problema para seu pai até então; na realidade, as experiências de viagem eram, sobretudo, valorizadas e incentivadas por ele. O que ocorria de diferente nessa nova situação, entretanto, parecia ser o conflito entre o “mundo dos estudos”, simbolizado pela faculdade e o curso superior, e “estudo do mundo” pela própria experiência, objetivo ao qual Marc parecia se propor. Interessante perceber que, se para o pai existia um conflito tão evidente que não necessitava de maiores explicações, para o filho não havia qualquer falta de sentido em deixar a faculdade para empreender mais uma jornada:

Quando disse que ia trancar a faculdade, meu pai ficou muito irritado, não quis nem falar, achava tudo uma loucura. Acho que foi a primeira vez que discutimos muito. Ora, mas eu não iria morar fora e ficar pedindo para ele bancar tudo... Eu falava inglês, podia trabalhar... Claro que ele ia ter que me ajudar no início, mas depois eu me organizava... E era meu sonho, eu não queria ficar em uma sala trancado e depois em um escritório... Eu queria viajar pelo mundo, eu surfava, queria ir para o Havaí, para o Tahiti, para a Indonésia... Ele não deixou, nunca deixou, mas eu fiz do mesmo jeito e ele me ajudou do mesmo jeito... Fui para o Havaí, para a Indonésia, para o Thaiti e ainda fui para a Austrália... Ele me ajudou, acho que ficou com medo de ver o filho passando alguma necessidade!

O deslocamento feito por Marc entre os lugares acima mencionados, durou cerca de 08 meses e foi a primeira de suas viagens de longa duração. Depois dessa, ele ainda afirmou ter feito outra viagem para surfar ao longo das costas chilena e peruana, experiência que durou mais três meses. À época em que nos encontramos no albergue do Rio de Janeiro, o carioca preparava-se para dar início a sua terceira jornada, o propósito – embora não mais englobasse o *surf* – ainda se referia à prática de esportes: Marc queria fazer, segundo seus próprios termos, um “mochilão” pela Europa, aproveitando o inverno para praticar *ski* e *snowboard*. Depois do mencionado encontro, mantivemos contacto via *internet* por algum tempo e no ano de 2013 nos encontramos mais uma vez na cidade do Rio de Janeiro, onde agora ele divide seu tempo entre aulas particulares de inglês e o trabalho como *bartender* em um conhecido hotel localizado na

orla carioca.

Também em um albergue, mas dessa vez localizado na cidade de Sevilha, região da Andaluzia, na Espanha, conheci Ceci, uma australiana de 27 anos. Como estávamos no verão, o ano era o de 2013, e a cidade estava bastante quente, passávamos uma boa parte da tarde no dormitório que dividíamos com mais seis pessoas, uma vez que lá podíamos aproveitar as “graças” de um potente ar-condicionado. Depois de uma semana em Sevilha, ela iria cruzar a fronteira com Portugal para passar algum tempo na região do Algarve. Como esse também era meu caminho de volta a Lisboa (onde estive fazendo um doutorado “sanduíche”), resolvi acompanhá-la, percorrendo com a australiana não somente os caminhos da referida costa portuguesa, mas igualmente todo o percurso que também a levou para a capital do país. Esse período de “partilhada da estrada”, assim, apresentou-se como uma experiência riquíssima no que diz respeito aos meus esforços de entendimento acerca das práticas de viagem de longa duração, permitindo, inclusive, que pudesse de fato conhecer um pouco da biografia da viajante Ceci:

Sou a filha mais nova de uma família com três irmãos. Meu pai é médico aposentado e minha mãe é jornalista, também aposentada. Nasci numa cidade de praia, e o que posso dizer é que não consigo ficar muito tempo longe do mar, da natureza, adoro correr... Todo dia, mesmo viajando, tento acordar cedo e correr pela cidade com o nascer do sol... Às vezes é difícil, mas quando consigo é muito bom... Por isso estou com muita vontade de ir ao Algarve, dizem que é lindo.

Quando conversávamos ou saíamos para fazer algum passeio pelas cidades que visitávamos, reparava que Ceci sempre carregava consigo um “bloquinho” de notas. Já sabia que, como sua mãe, ela era jornalista e pensei que “tomar notas” era uma espécie de costume do ofício ou uma estratégia para registrar informações sobre os lugares visitados que poderiam vir a ser posteriormente rememorados, como fazem vários viajantes a partir da confecção de seus “diários de viagem”. No entanto, depois de uma discussão acerca do que seriam os objetos “essenciais” para se ter em uma mochila, ou mala, quando se efetua um longa viagem, ela evidenciou a particular importância do seu “caderninho”:

Como jornalista, trabalhei algum tempo na área de direitos humanos, fui, inclusive, várias vezes para a Indonésia, fiquei até bastante tempo por lá. Uma vez, minha mãe me visitou e perguntou porque eu não escrevia algo sobre minha experiência de trabalho na área, foi aí que resolvi fazer um blog sobre direitos humanos. Depois, quando decidi fazer essa viagem, prometi para mim que ia continuar escrevendo sobre minhas experiências, sobre as pessoas que

encontrava, sobre como elas se conectavam com os lugares que moravam. Penso em fazer uma pós ou um mestrado quando voltar para a Austrália e o blog, as informações que tenho, poderiam ser úteis para isso.

Assim, de acordo com Ceci, os “bloquinhos”, somados a “um bom livro, um lenço colorido e uma câmera fotográfica”, configurariam o que para ela existia de fundamental para ser carregado em sua bagagem durante suas jornadas. Como jornalista, a relação escrita-leitura era bastante cara à australiana e, por mais de uma vez, a vi “pesquisando” títulos, para ela interessantes, nos espaços onde se situavam os livros ofertados aos hóspedes pelos albergues. Nossa relação desenvolveu-se, sobretudo, ao longo dos quase quinze dias que levamos para chegar em Lisboa, partindo de Sevilha. Após alguns dias na capital de Portugal, Ceci então foi em direção ao norte, onde tomaria um voo na cidade do Porto³ com destino a Itália:

Estou muito feliz, vou para a Itália e lá encontrarei meus pais. Vou dar uma desacelerada, descansar um pouco e ficar um tempo com eles! Estou viajando já por um longo tempo e senti a falta deles, ainda bem que eles puderam vir visitar-me. Queria que meus irmãos também viessem, mas não puderam por conta do trabalho... Mas minha irmã esteve na Itália, me deu boas dicas e acho que lá vai ser muito legal com meus pais.

Assim como ocorreu com Marc, procurei manter contacto com Ceci durante a continuidade de sua viagem. Por meio, principalmente, do *facebook*⁴, conseguimos conversar outras tantas vezes. Como estava morando em Lisboa, tentamos ainda combinar um outro encontro – buscando aproveitar os preços acessíveis das empresas aéreas no período de baixa estação –, mas ela logo desmarcou, afirmando que voltaria para a Austrália motivada pela festa de casamento de uma grande amiga, a qual em

3 No cenário turístico de Portugal, a cidade do Porto, situada no norte do país, ocupa um lugar de suma importância. Obviamente, tal importância relaciona-se, em alto grau, com suas “potencialidades turísticas”, como beleza natural e arquitetura, mas também diz respeito ao fato de abrigar, desde o mês de Julho de 2009, uma base da *Ryanair*, famosa companhia aérea *low-cost*. As inúmeras promoções, bem como a venda de bilhetes aéreos normalmente a um menor custo, se comparados aos oriundos de outras empresas do ramo na Europa, transformou a cidade do Porto em uma espécie de “porta de entrada” de Portugal, um destino com acesso facilitado por tais ações que, de maneira intensa, incrementou a dinâmica turística também no que concerne ao restante do país.

4 De forma resumida, o *Facebook* apresenta-se como uma rede social na *internet* onde os usuários, a partir da dinâmica de criação de perfis, podem interagir entre si. Composto por diversas ferramentas, como o “mural”, por exemplo, tal dispositivo comunicacional permite uma interação intensa entre os sujeitos que tem a opção de publicar frases, fotos e vídeos, bem como sugerir *links* pertencentes a outros domínios da *internet*. Ainda no que diz respeito às possibilidades de contacto, o *Facebook* conta com uma espécie de “bate-papo”, ou *chat*, por meio do qual os sujeitos se comunicam em tempo real. Essa última ferramenta, assim, foi a mais utilizada por mim nas tentativas de manter diálogos com meus interlocutores após o fim de nossos encontros face-a-face. No entanto, é necessário dizer que o acompanhamento das publicações nos “murais” dos sujeitos – fotos, frases, pensamentos ou vídeos –, também, permitiu o estabelecimento de aproximações com os mesmos: aquilo que publicavam, sobretudo enquanto viajavam, era encarado por mim como pistas, indícios, pequenos fragmentos de experiência, que – analisados em conjunto – poderiam talvez compor uma narrativa daquilo que por eles era vivido ou experimentado.

hipótese alguma poderia deixar de comparecer. Mesmo de volta à Sidney, desde o começo de 2014, Ceci ainda constituiu-se como uma importante interlocutora com a qual estabeleci uma série de discussões acerca da temática das viagens de longa duração.

O terceiro interlocutor que gostaria de apresentar é um inglês chamado Benny. Nos conhecemos no ano de 2012 (àquela altura ele tinha 26 anos), enquanto esperávamos a embarcação que nos levaria da cidade de Angra dos Reis para Ilha Grande, arquipélago localizado na costa oeste do Estado do Rio de Janeiro. Em princípio, planejava ficar apenas um final de semana na Vila do Abrão, uma das comunidades do lugar, mas logo mudei de idéia ao perceber que aquele era um destino bastante procurado pelos sujeitos que exploravam a costa da região sudeste do Brasil. E era, justamente, isso que Benny fazia ali: ele vinha da capital do Rio de Janeiro e objetivava conhecer Angra dos Reis e Ilha Grande para, posteriormente, voltar a Mangaratiba ou Paraty e, depois, seguir para o litoral paulista. Os planos de Benny foram me relatados quando travamos nossa primeira conversa ao nos preparar para tomar nossos lugares na fila de embarque, pois tínhamos os dois adquirido nossos bilhetes de deslocamento até Ilha Grande na mesma empresa.

Como na maioria das primeiras interações, nossa conversa tematizou apenas questões genéricas acerca da viagem que fazíamos, do clima, das cidades que tínhamos visitados etc. No entanto, quando desembarcamos, nos demos conta que tínhamos feito reserva no mesmo albergue e, a partir daí, estabelecemos uma relação mais próxima que repercutiu, conseqüentemente, nos temas abordados em nossos diálogos. Assuntos mais íntimos, próprios de nossas trajetórias pessoais, como família, relacionamentos e projetos para o futuro, foram abordados. Especificamente sobre sua família e seu lugar de origem, Benny disse-me:

Eu nasci em uma cidade no noroeste da Inglaterra, é pequena e não muito conhecida. Meu pai nasceu no País de Gales e morou em vários lugares porque trabalhava como engenheiro civil. Minha mãe é alemã, é professora... Trabalha com artes, ensinando crianças com autismo... Como minha cidade é pequena, depois do colégio, me mudei para Sheffield para fazer meu curso de economia na universidade de lá e depois me mudei para Manchester, que é onde moro actualmente, para fazer meu mestrado na área de finanças.

Quando perguntei porque tinha escolhido o Brasil para viajar, Benny respondeu-me dizendo que já havia conhecido boa parte da Europa. Sendo sua mãe alemã e seu pai galês, festas de final de ano e férias escolares quase sempre significavam viagens de retorno aos países de origem de seus pais. Além disso, disse-me que seus pais fizeram

uma “viagem romântica” pela Argentina e que se encantaram pela América do Sul, alimentando sua vontade de conhecer tal continente:

Eu conhecia a Europa, daí meus pais vieram para cá e me falaram coisas muito boas da comida, do clima, da beleza da América do Sul. Então, quando tive a oportunidade, vim! Só que eles ficaram somente na Argentina, eu já fiz mais que eles... Não ia sair da Inglaterra, vir para cá e conhecer apenas um país, era longe de mais e também muito caro para fazer só isso!

Nos últimos dois dias em que passamos em Ilha Grande, o cenário havia mudado radicalmente: de um sol escaldante, passamos a tentar nos esquivar da intensa chuva que ali caía. Esse período de clima chuvoso frustrou a idéia inicial de Benny no sentido de seguir explorando os litorais carioca e paulista, fazendo-o decidir voltar para a cidade do Rio de Janeiro. De minha parte, o tempo que previa passar naquele litoral já havia sido ultrapassado e aproveitei a companhia do inglês para regressar a capital e, como havíamos conversado muito, resolvemos tentar hospedarmo-nos no mesmo lugar. Assim, ainda passei mais ou menos 5 dias com Benny, até ele, com a melhora do tempo, resolver seguir viagem rumo à São Paulo. Repetindo o que aconteceu com Marc e Ceci, continuei mantendo contato com Benny mesmo após seu retorno à Inglaterra, desse modo pude por mais algumas vezes retomar nossas discussões sobre práticas de viagem, privilegiando especialmente suas experiências de longa duração.

3 Entre “turistas” e “vagabundos”

Acompanhar Marc, Ceci e Benny, podendo conhecer um pouco de seu contexto de origem (algo sobre suas famílias, seus países, suas actividades laborais etc.), permitiu-me refletir sobre algumas recorrências presentes nas narrativas dos sujeitos que se estabelecem mesmo antes da experiência de viagem ser de fato empreendida. Essas recorrências que dizem, portanto, respeito aos *backgrounds* dos sujeitos viajantes, a meu ver, contribuem em muito para o entendimento das práticas de viagem em questão: práticas denominadas por Pearce (1990, 2007) de *backpackers* ou como venho chamando, na tentativa de evitar a impressão de que essa categoria é aceita sem qualquer ruído, *práticas de viagens de longa duração*. Aparentemente, os contornos biográficos dos sujeitos interlocutores são extremamente distintos – eles tem diferentes nacionalidades, níveis escolares plurais, profissões variadas etc. –, o que nos levaria a crer que a única coisa que, verdadeiramente, partilham é o fato de estarem em trânsito por um período considerável, priorizando conhecer o máximo de destinos possíveis ou

procurando acomodação em albergues e não em hotéis, por exemplo. Ou seja, nesse caso, a viagem *em si* seria o único fio que teceria conjuntamente suas experiências; contudo, uma outra leitura sobre o que se partilha, considerando também aquilo que antecede os deslocamentos, talvez possa ser proposta.

Como pode ser depreendido dos discursos dos sujeitos aqui apresentados, as viagens por eles empreendidas são *viagens autorizadas*, esse é o *primeiro ponto de intersecção* que gostaria de destacar. Marc, Ceci e Benny são atores de uma mobilidade que é permitida, legal e executada tendo como horizonte, principalmente, suas próprias propensões. As viagens de longa duração ora tratadas, assim, referem-se a práticas de deslocamento que se distinguem da migração ilegal ou da diáspora; em sentido mais geral, se diferem de quaisquer exemplos de *mobilidade compulsória*, sejam quais forem suas motivações (económica, política, religiosa etc.). Voltemos a Marc, por um instante: suas experiências de viagem são baseadas em suas propensões “individuais”, seus destinos são escolhidos de acordo com seus “objetivos” ou “interesses pessoais”, não há uma “ação exterior” que de fato o impila a deixar seu lugar. O mesmo parece ocorrer com Ceci e Benny, são trânsitos que não são compulsórios e tampouco proibidos, não permitidos, ilegais. O cruzamento de fronteiras é feito no registro da legalidade, as diversas entradas e saídas são devidamente autorizadas, não geram a tensão, por exemplo, que constitui o cerne das experiências dos migrantes africanos rumo à Europa, via Itália ou Grécia; não possuem o carácter de desespero ou de degradação que alimenta tentativas de invasão de enclaves espanhóis, outra vez à título de ilustração, no Marrocos⁵.

5 Desde o desmantelamento da U.R.S.S, virtualmente quase todos os países abandonaram formas de controle sobre a *saída* de contingentes populacionais de seus territórios. No entanto, paradoxalmente, junto a um discurso de aproximação de países e regiões, hoje em dia nota-se um intenso recrudescimento no que diz respeito aos controles para se entrar em determinados países (VERTOVEC & COHEN, 1999). Lampedusa, na Itália, por exemplo, serve de inquestionável platô para discussões acerca deste tema: diante de um terrível naufrágio no final do ano de 2013, onde 339 imigrantes ilegais vindos da África morreram, as leis acerca das questões migracionais foram alvos de esforços de revisitação. A justificativa para o estabelecimento de tal debate talvez se deva à cruel ironia referente às medidas legais tomadas acerca do caso, onde os únicos punidos, de acordo com a legislação vigente, seriam os próprios imigrantes sobreviventes. Essa necessidade de se deslocar, no afã de vivenciar melhores condições de existência – que faz, diga-se de passagem, com que muitas vezes os sujeitos corram grandes riscos de morte – também pôde ser notada diante das tentativas de invasão ao território espanhol de Melilla, durante o primeiro semestre do ano de 2014, por parte de centenas de marroquinos. É escusado dizer que a experiência migrante não pode ser tomada como algo homogêneo, entretanto sua dimensão “ilegal”, conformadora dos dois casos em questão, expõem tensões em fronteiras que repercutem em planos jurídicos, políticos e sociais que não podem deixar de ser observados. Mais uma vez estamos diante, aqui, de uma experiência de deslocamento não autorizada, que se difere substancialmente daquela efetuada pelos interlocutores dessa pesquisa. Outra informação importante refere-se ao fato de as experiências de viagem de longa duração não terem como objetivo processos profundos de enraizamentos, se assim puder ser colocado. Afastando-se desta idéia de formação de laços com um destino, os sujeitos das viagens de longa duração – colecionadores de vários “pousos” ou destinações – distinguem-se, uma vez mais, dos migrantes e também dos sujeitos que efetuaram deslocamentos considerados como diásporas. Especificamente sobre esta última prática de deslocamento, faz-se mister esclarecer mais uma última diferença: as viagens de longa

Embora muitos sujeitos que empreendam viagens de longa duração não se vejam como turistas, uma vez que – como dito – tentam fazer seus arranjos de viagem de uma forma “independente”, tal imagem, de acordo com o sentido específico a ela dado por Bauman (1998), é um interessante recurso explicativo para a modalidade de deslocamento aqui em questão. Marc, Ceci e Benny são *turistas* porque tem a *possibilidade* de se mover no mundo, *podem* lançar mão desse expediente e construir uma trajetória biográfica que envolve o *trânsito*, sim, mas que não passa por constrangimentos ou impedimentos de ordem política ou jurídica, como no caso de alguns tipos de migração. Desse modo, é que sua qualidade de *turista* é destacada, afastando-os de outra noção também cunhada pelo sociólogo polonês, a de *vagabundo*. O *vagabundo* seria aquele que é impelido a mover-se, é deslocado por forças que o ultrapassam, que traz consigo a mobilidade enquanto uma necessidade e não como uma opção para melhor se situar no jogo das identidades fluídas, diferentemente, portanto, do exemplo do turista⁶. Esse estatuto de “sujeito autorizado a viajar” atravessa as experiências dos interlocutores apresentados, bem como pode ser evocado no que diz respeito a todos os sujeitos com os quais travei contato durante a pesquisa em questão, configurando-se, portanto, como uma verdadeira *qualidade partilhada* – a despeito de todas as diferenças existentes entre os viajantes – mesmo antes da viagem de fato se materializar.

Aliada à essa dimensão política, àquilo que “autoriza” o sujeito a viajar, deve figurar uma observação acerca das “posições sociais” (BOURDIEU, 2002) ocupadas pelos sujeitos viajantes em suas sociedades de origem, assim como algumas considerações sobre características singulares dos países de origem também devem ser pontuadas. Embora tenha encontrado, durante meu tempo em trânsito, sujeitos que não possuíam uma condição financeira confortável (ou, pelo menos, diziam não possuí-la), a imensa

duração aqui apreciadas são construídas sob o signo da individualidade, são viagens operadas por sujeitos e não por coletivos que partilham laços históricos ou geográficos e tampouco por grupos étnicos ou conjuntos de indivíduos com aspirações e demandas políticas semelhantes.

⁶ No sentido de tornar mais evidente a distinção entre *turistas* e *vagabundos* – recurso metafórico tomado de empréstimo, como assinalado, de Bauman – é interessante notar as pontuações feitas pelo próprio sociólogo acerca da temática em questão. Assim, os *turistas* podem ser caracterizados como aqueles que “iniciam suas viagens por escolha – ou, pelo menos, assim eles pensam. Eles partem porque acham o lar maçante ou não suficientemente atrativo, demasiadamente familiar e contendo demasiadamente poucas surpresas...” (BAUMAN, 1998, p.116). Por seu turno, o *vagabundo* tem como principal traço constitutivo a ação de se movimentar enquanto uma obrigação, e não como produto de uma “escolha” que tende a se relacionar, por exemplo, com valores como os de “independência” ou “autonomia”. Sobre esse contingente de atores móveis, Bauman (idem, p. 117) fala: “Se estão em movimento, é porque foram impelidos por trás – tendo sido, primeiramente, desenraizados por uma força demasiadamente poderosa, e muitas vezes demasiadamente misteriosa, para que se lhe resista. Vêm sua situação como qualquer coisa que não a manifestação da liberdade. [...] Para eles, estar livre significa *não ter de* viajar de uma lado para outro”. Essa tensão, que ilustra a maneira distinta como a mobilidade é acessada, portanto, é o que justifica o uso do termo “sujeitos autorizados a viajar”, ou seja, sujeitos que gozam de determinadas posições privilegiadas onde o ato de deslocar-se aparece como algo da ordem das “escolhas”, como dito, e não como expressão de necessidades.

maioria era oriunda de países bem situados, se assim puder dizer, no contexto econômico mundial e, igualmente, proveniente de famílias com certo poder aquisitivo. Grande parte dos sujeitos que encontrei em meus períodos de deslocamento, portanto, eram nativos de países do norte da Europa, merecendo realce a quantidade de alemães, ingleses e, sobretudo, escandinavos, que viajava por um período superior a seis meses. Fora do contexto europeu, norte-americanos, canadenses e, principalmente, australianos e neozelandeses eram facilmente encontrados, como um dos últimos certa vez disse-me, “em quase qualquer canto do planeta”. Israelenses, após o serviço militar obrigatório, constituíam-se como um contingente considerável em trânsito, mas, pelo menos para mim, de difícil acesso, uma vez que pareciam priorizar interações entre si⁷. No que concerne à América do Sul, brasileiros e chilenos, seguidos por argentinos, formavam os maiores segmentos de viajantes que pude encontrar e com quais estabeleci contactos.

Se nos dispusermos a imaginar um mapa mundial, considerando tais encontros etnográficos, será perceptível que os países de origem dos sujeitos dessas viagens de longa duração ocupam posições, como dito, privilegiadas no contexto econômico mundial. Sendo interessante, ainda, notar que a extensão e o destino das viagens também dialogam intimamente com as singularidades de cada país: a Europa mediterrânea, por exemplo, pode não ser um destino tão acessível para sul-americanos, mas de fato o é para sujeitos provenientes da Escandinávia. Ainda entre sul-americanos, a África e países como Portugal e Espanha aparecem como lugares constantemente acessados, ao passo que o norte da Europa é evitado ou visitado em um período mais curto. Em resumo, o que gostaria de destacar como *segundo ponto de intersecção* é esse “bom posicionamento” econômico dos países “emissores” de viajantes de longa duração, o que faz com que, por exemplo, se encare com certa surpresa a ação de um viajante marroquino, peruano, boliviano, ou mesmo mexicano, ao cruzar vários países em uma temporalidade alargada. Novamente aqui, portanto, tem-se uma espécie de recorrência que se dá mesmo antes de a viagem ser propriamente empreendida.

Marc, Ceci e Benny – como brasileiro, australiana e inglês – são exemplos do que acima acabei de expor. Mas, de forma especial, gostaria igualmente de me debruçar sobre seus exemplos para sublinhar a presença da viagem enquanto parte integrante do conjunto de práticas íntimas desses sujeitos, sendo esse o *terceiro ponto de intersecção*

⁷ Pesquisadores como Erik Cohen e Chaim Noy (NOY & COHEN, 2005; NOY, 2007) tem se debruçado especificamente sobre as práticas de viagem de longa duração, conhecidas como *tarmila`ut* em hebraico, efetuadas por jovens israelenses. Em sentido geral, ambos os pensadores assumem a idéia de que as sociedades de origem dos viajantes influenciam com vigor suas experiências em trânsito, baseados nisso, portanto, buscam refletir acerca de tal relação de forma especial no tocante aos jovens israelenses. Em sua produção, temáticas como religião, tabus alimentícios ou esforços para manutenção das tradições, sendo interpeladas pelas práticas de viagem, são recorrentes.

destacado. Marc é filho, como sinalizado, de um produtor de TV, sujeito experiente também em termos de viagem por conta de sua atuação profissional e que, nesse sentido, a valoriza enquanto ferramenta de aquisição de conhecimento. É por isso, por exemplo, que o surfista/*bartender* brasileiro foi estimulado em sua primeira grande “aventura”, o intercâmbio ainda à época de colégio. Não obstante o fato de Marc e o pai entrarem em discussão, mais tarde, pelo fato do primeiro querer continuar a manter-se viajando, ela, a viagem, não aparece como uma prática “estranha”, de todo “exótica” para a família. Ao contrário, lembremos que os deslocamentos eram feitos, inclusive, em família e que sobre tais processos recai uma política de valorização da viagem não somente enquanto atividade de lazer, mas igualmente como instrumento de aquisição de conhecimento. Faz-se mister, ainda, atentar para o fato de que as viagens de Marc aparecem como práticas familiares porque também são algo economicamente viável: os pais podem ajudá-lo a se deslocar, como fizeram durante algumas de suas jornadas; a viagem não apresenta-se como produto de um esforço hercúleo, ela – novamente – figura no conjunto de práticas da família.

Colocação semelhante pode ser dirigida à Ceci. Sua escolha profissional alinha-se com o exercício da mobilidade, foi para trabalhar que constantemente se deslocou, viveu experiências em lugares diferentes do seu – como na Indonésia –, a “vivência da estrada” também para ela não é da ordem da exceção. E tampouco para os pais: com uma boa condição financeira, eles a visitam durante seus deslocamentos, a mãe a incentiva a continuar seus escritos de viagem, os irmãos já estiveram em outros países e regiões, fornecem “dicas” a partir de suas experiências anteriores de deslocamento. Para Ceci, bem como para Marc, então, a viagem aparece sob o signo da familiaridade, é parte integrante da “cosmologia” familiar, e também de fato é possível de ser executada devido a posição social que a família ocupa em sua comunidade. No caso da australiana, ainda é importante frisar, a viagem ganha reforços, valoriza-se uma vez mais, porque constitui-se em matéria provável de investimento profissional. É válido salientar que de seus “achados” em trânsito é que ela objetiva retirar a matéria para seu retorno aos estudos, na modalidade de uma pós-graduação. Desse modo, a mobilidade, além de próxima, parece constituir-se como uma espécie de *fundamento* para projetos futuros.

De forma ainda mais evidente que na trajetória pessoal de Marc e Ceci talvez esteja presente a prática de “frequentação” da estrada na vida de Benny. Como filho de migrantes, o jovem inglês, ao depor um pouco sobre sua própria história, deixa claro o fato de ser partícipe não apenas de um único mundo: foram sempre constantes, por exemplo, suas visitas aos locais de origem de seus pais. Soma-se a isso, também, o fato

de o próprio Benny ter sido levado a deixar sua cidade natal para dar continuidade aos seus estudos; experiência de deslocamento que – sem dúvidas – contribui para o estabelecimento de uma maior intimidade no que diz respeito ao estatuto de “estar em trânsito”. O que deve, no entanto, ficar claro aqui é que, se por um lado seus pais talvez tenham sido impelidos a migrar no afã de encontrar uma melhor situação laboral e ele próprio também tenha partilhado de tal necessidade de deslocamento, especificamente no que concerne ao seu processo de formação educacional, o mesmo não pode ser dito em relação à sua ação de “cair na estrada”, de empreender a sua jornada de longa duração. Tal empreendimento parece, claramente, tomar forma a partir da expressão de inclinações “individuais” de se fazer uma longa viagem, distante de ser uma necessidade posta por quaisquer tipos de pressão ou privação.

Como na trajetória dos outros dois interlocutores apresentados, a prática de viagem para Benny, indiscutivelmente, não aparece como algo estranho: ela figura no conjunto de práticas gerais do coletivo ao qual o jovem pertence, embora possa ter mudado de natureza com o passar do tempo (de migrantes à turistas, por exemplo), o que parece indicar que a disposição do jovem inglês para empreender uma viagem de longa duração – bem como as propensões de Marc e Ceci para fazer o mesmo – tenha sido cultivada a partir de uma teia de relações, conformadoras de uma história coletiva, familiar, que não toma os deslocamentos como algo situado no registro do exótico, do distante ou mesmo do condenável. Em outras palavras, há um exercício de frequentação da prática em questão, a viagem, por parte dos sujeitos interlocutores desde um tempo considerável, o que faz com que tais atividades residam no universo de “preferências culturais” desses agentes. A idéia de uma “disposição cultivada” (BOURDIEU, 1996) no que se refere à prática de viagem, desse modo, revela uma importante relação – que não pode deixar de ser observada – entre o sujeito viajante e seu contexto de origem.

4 À guisa de conclusão: notas sobre “política” e “economia” da mobilidade

Em sentido geral, retomando, o que gostaria de destacar no que se refere à relação mencionada – sujeito viajante e contexto de origem –, é que há, diante da apreciação das narrativas aqui apresentadas, uma espécie de recorrência que se estabelece mesmo antes da viagem, de fato, ser empreendida. Em primeiro lugar, temos um tipo de filiação à certa “política da mobilidade” (CRESSWELL, 2009) que confere autorização ao deslocamento de sujeitos como os aqui chamados ao diálogo. Essa autorização decorre, justamente, da constatação de que tais sujeitos efetuam deslocamentos que se distinguem de práticas de migração ou de diáspora. É nesse sentido que o efeito das

fronteiras impermeáveis, dos intensos controles de entrada em territórios nacionais outros, se arrefecem: a experiência, uma vez mais utilizando a metáfora de Bauman (1998), é a de um *turista*, não a de um *vagabundo*. Ilegalidade, risco, punição e suspeição, assim, são elementos que representam o polo oposto do que aqui é chamado de viagem “autorizada”. Obviamente, tratando-se de projetos de deslocamento que não são fixos, não previamente estruturados em todos os detalhes, a possibilidade de se ultrapassar a extensão de um visto de turista, e cair na ilegalidade, é sempre presente. No entanto, tal possibilidade não parece envolver a viagem em si desde a atividade de entrada em territórios estrangeiros, é essa virtualidade do risco, considerada *a priori* como algo distante, o que faz permanecer a *autorização* da viagem.

Ora, mas o que contribuiria para o estabelecimento de uma viagem *autorizada*? Ao lado dessa política da mobilidade, que privilegia aqueles que podem se mover sob efeitos de controle menos intensos ou flagrantes, há algo que talvez possa ser chamado de “economia da mobilidade”. Por este termo, pretendo, de forma simples, designar as apreciações de países sobre as posições de outros países no cenário econômico mundial. Considerando a emergência de uma “ordem capitalista mundial” (GIDDENS, 1991), países melhores situados no bojo da citada ordem confeririam aos seus cidadãos maiores possibilidades de aquisição de bens materiais e simbólicos, como as viagens, por exemplo. O exame desses contextos de origem, sem descuidar de suas “estruturas objetivas” (BOURDIEU, 1996), dessa maneira, fornece elementos para duas colocações importantes, que se informam mutuamente: os sujeitos oriundos de tais países têm mais possibilidade de viajar, uma vez que podem arcar com os gastos relacionados aos deslocamentos, hospedagem e consumo geral (esse é o caso de Marc, Ceci e Benny) e, conseqüentemente, tendem a ter seus deslocamentos autorizados por parte dos controles de fronteira de um considerável número de países. Desse modo, política e economia estruturam-se como dimensões imprescindíveis para a compreensão do que seria uma “viagem autorizada”.

Contudo, para além das dimensões políticas e econômicas, outro fator parece ser determinante para sujeitos como Marc, Ceci ou Benny empreenderem suas viagens, aquilo que foi por último destacado: trata-se da presença da viagem na trajetória pessoal dos sujeitos, configurando-se como uma prática pertencente ao universo familiar dos mesmos, algo que é dotado de sentido, justamente, porque afirma sua presença no decorrer de uma história coletiva. A ideia de uma disposição para se viajar, do cultivo de propensões para se estar em trânsito – cunhado no bojo das interações –, é a característica final, que gostaria de destacar, partilhada pelos interlocutores aqui

apresentados, o que – dito uma vez mais – compõe um fio comum que atravessa experiências distintas. Feitas tais considerações, um outro desafio a se enfrentar relaciona-se às motivações e razões para se começar uma longa jornada, empreendimento analítico onde a ideia de “diferença” então será o dado recorrente (são plurais as motivações), o que talvez faça-nos pensar – ao lado de uma política ou de uma economia da mobilidade – na existência de certa “poética do deslocamento”.

5 Bibliografia

AMIROU, R. **Imaginário turístico e sociabilidades de viagem**. Porto: Estratégias Criativas, 2007.

ANDERSON, N. **The hobo: the sociology of the homeless man**. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1923.

APPADURAI, A. Soberania sem territorialidade: Notas para uma geografia pós-nacional. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, nº49, p. 33-46, 1997.

ATELJEVIC, I.; DOORNE, S. Theoretical encounters: a review of backpacker literature. In: In: RICHARDS, Greg; WILSON, Julie (Orgs.). **The global nomad: backpacker travel in theory and practice**. Great Britain: Cromwell Press, 2004.

AUGÉ, M. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: EDUFAL/UNESP, 2010.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes Editora LTDA, 1996.

_____. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento**. São Paulo: Martins Fontes Editora LTDA, 1990.

BARREIRA, I. **Cidades narradas: memória, representações e práticas de turismo**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

_____. A cidade que se conta: narrativas e rituais de apresentação em Lyon. In: MIRANDA, J.; PORDEUS JR., I; LAPLANTINE, F. (orgs.). **Imaginário sociais em movimento: oralidade e escrita em contextos multiculturais**. Campinas: Pontes Editora, 2006.

_____. Guias turísticos em Berlim. **Tempo Social**. São Paulo: Revista de sociologia da USP, vol. 17, número 1, 2005.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

_____. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BENJAMIN, W. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

BOORSTIN, D. J. **The image**: a guide to pseudo-events in America. New York: Harper and Row, 1961.

BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

_____. **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus. 1996.

CAIAFA, J. **Aventura das cidades**: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

_____. **Routes**: travel and translation in the late twentieth century. Cambridge: Harvard U P, 1997.

COHEN, E. Backpacking: diversity and change. In: RICHARDS, Greg; WILSON, Julie (Orgs.). **The global nomad**: backpacker travel in theory and practice. Great Britain: Cromwell Press, 2004.

_____. Nomads from affluence: notes on the phenomenon of drifter-tourism. **International journal of comparative sociology** 14 (1), 89-103, 1973.

COHEN, E. Toward a sociology of international tourism. **Social Research** 39 (1), pp. 164-182, 1972.

CRESSWELL, T. Seis temas na produção de mobilidades. In: CARMO, R. M. de; SIMÕES, J. A. **A produção das mobilidades**: redes, espacialidades e trajectos. Lisboa, ICS: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

_____. **On the move**: mobility in the modern western world. Nova York: Routledge, 2006.

FOOTE WHYTE, W. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **The hippies**: an american "moment". Centre for Contemporary Cultural Studies: University of Birmingham, 1968.

MacCANELL, D. **The tourist**: a new theory of the leisure class. New York: Shocken, 1976.

MARCUS, G. A estética contemporânea do trabalho de campo na arte e na antropologia: experiências em colaboração e intervenção. In: BARBOSA, A.; CUNHA, E. Teodoro da; HIKIJI, Rose Satiko G. (orgs.). **Imagem-conhecimento**: antropologia, cinema e outros diálogos. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

_____. O intercâmbio entre arte e antropologia: como a pesquisa de campo em artes cênicas pode informar a reinvenção da pesquisa de campo em antropologia. In: **Revista de antropologia**, São Paulo, n. 47, 2004.

_____. O que vem (logo) depois do “pós”: o caso da etnografia. In: **Revista de antropologia**, São Paulo, n. 37, 1994.

NOY, C. **A narrative community**: voices of israeli backpackers. Detroit: Wayne State University Press, 2007.

_____.; COHEN, Erik. **Israeli backpackers**: from tourism to rite of passage. New York: State University of New York Press, 2005.

OLIVEIRA, R. J de. Turismo backpacker: um estudo dos viajantes internacionais no Brasil. **Cultur – Revista de Cultura e Turismo**. Ano 02, n. 01, 2008.

_____. Turismo backpacker/mochileiro. In: TRIGO, L. G. G. (org.). **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.

O'REILLY, C. O. From drifter to gap year tourist: mainstreaming backpacker travel. **Annals of Tourism Research**, Vol. 33, No. 4, pp. 998-1017, 2006.

PAIS, J. M. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, I. M.; EUGENIO, F. (orgs.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

PEARCE, P. Fundamentals of tourist motivation. In: PEARCE, D. G.; BUTLER, R.W. (eds.). **Tourism research: critiques and challenges**. London: Routledge, 1993.

_____. **The backpacker phenomenon**: preliminary answers to basic questions. Townsville: Department of tourism, James Cook University, 1990.

_____.; LOKER-MURPHY, L. Young budget travelers: backpackers in Australia. **Annals of tourism research**, v.22, n.4, 1995.

SAID, E. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SHELLER, M.; URRY, J. **The new mobilities paradigm**. *Environment and Planning A*, 38: 207-26, 2006.

SIMMEL, G. **Sobre la aventura**: ensayos filosóficos. Barcelona: Península, 1998.

_____. O estrangeiro. In: **Georg Simmel**: sociologia. (org.). MORAIS FILHO, E. São Paulo: Ática, 1983.

_____. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. (org.). **O fenômeno urbano**. Editores Zahar: Rio de Janeiro, 1976.

SORENSEN, A. Backpacker ethnografy. **Annals of tourism research**. v. 30, n.4, 2003.

THEROUX, P. **A arte da viagem**. Lisboa: Quetzal Editores, 2012.

_____. **O velho expresso para a Patagônia**. Lisboa: Quetzal Editores, 2010.

TOWNER, J. The grand tour: a key phase in the history of tourism. **Annals of Tourism Research**, Vol. 12, PP. 297-333, 1985.

URRY, J. **Mobilities**. Oxford: Polity Press, 2007.

_____. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel; SESC, 2001.

_____. **Sociology beyond societies: mobilities for the twenty-first century**. London: New Fetter Lane, 2000.

VERTOVEC, S.; COHEN, R (ed.). **Migration, diasporas and transnationalism**. International Migration Institute, University of Oxford, UK: Oxford University Press, 1999.

WELK, P. The lonely planet planet myth: 'backpacker bible' and 'travel survival kit'. In: HANNAM, K; ATELJEVIC, I. (Orgs.). **Backpacker tourism: concepts and profiles**. Great Britain: Cromwell Press, 2007.

_____. The beaten track: anti-tourism as an element of backpacker identity construction. In: RICHARDS, Greg; WILSON, Julie (Orgs.). **The global nomad: backpacker travel in theory and practice**. Great Britain: Cromwell Press, 2004.